



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 5, número 3, set-dez 2016

VIRGEM MARIA PÓS-MODERNA: A “TRAVESTHRILLER” SHIRLEY DAYANNA E O MILAGRE DA TRANS MUTAÇÃO DO SUJEITO



POST-MODERN VIRGIN MARY: THE “TRANSVESTHRILLER” SHIRLEY DAYANNA AND THE MIRACLE OF TRANS MUTATION OF THE SUBJECT

Cláudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Joseph Bezerra do NASCIMENTO
Universidade Regional do Cariri, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 20/01/2017 • APROVADO EM 25/03/2017

Abstract

The chap-book "O milagre transvesthriller: a história da travesti que (como fé) engravidou, written in 2010, was born intersemiotic already. It was commissioned by the filmmaker Orlando Pereira to the poet Salete Maria da Silva to be transformed into a movie, a short

movie entitled *Transvesthriller*, released in 2014. For this work, we cut as a corpus of analysis the chap-book, with the objective of investigating the processes of constitution of the subjectivity of Shirley Dayanna's character. For this, we articulate the theories of discourse of subject by Michel Foucault (1997, 1999, 2000) with authors of Cultural Studies and identities such as Hall (2014), among others.

Resumo

O folheto de cordel *O milagre travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou*, publicado em primeira edição em 2010, já nasceu intersemiótico. Foi encomendado pelo cineasta Orlando Pereira à poetisa Salete Maria da Silva para ser transformado em filme, um curta-metragem intitulado *Travesthriller*, lançado em 2014, ocasião do lançamento da terceira edição do folheto. Para este trabalho, recortamos como corpus de análise a edição de 2014 do folheto com o objetivo de investigar os processos de constituição da subjetividade da personagem Shirley Dayanna. Para tanto, articulamos as teorias do discurso e do sujeito de Michel Foucault (1997, 1999, 2000) com o pensamento de autores dos Estudos Culturais e das identidades como Hall (2014), dentre outros.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Female subject. Mauditos chap-book writers. Salete Maria. *Transvesthriller*.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito feminino. Cordelistas Mauditos. Salete Maria. *Travesthriller*.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Salete Maria da Silva é um dos mais significativos nomes da Literatura de Cordel contemporânea, tendo produzido mais de 60 folhetos abordando temáticas como feminicídio, homofobia, feminismo, diversidade, direitos humanos, entre outras. Advogada de mulheres, travestis, pessoas trans e homossexuais vítimas de violência, escreveu, inclusive, petições jurídicas em formato de cordel. Foi também membro-fundadora da Sociedade dos Cordelistas "Mauditos" (grafia dos poetas), grupo/movimento surgido em Juazeiro do Norte-CE, no ano 2000, que promoveu uma deglutição antropofágica, "patativoswaldeandrea" anunciada no campo da Literatura de Cordel.

Analizamos, portanto, a produção poética de Salete Maria da Silva. Para este trabalho, tomamos como *corpus* de análise o folheto *O milagre travesthriller: a*

história da travesti que (com fé) engravidou (2014), com o objetivo de investigar os processos de constituição da subjetividade da personagem protagonista do folheto: Shirley Dayanna. Para tanto, as teorias do discurso e do sujeito de Michel Foucault (1997, 2000) e as elaborações de autores dos estudos culturais e das identidades, tais como Hall (2002), estão aqui articuladas. Interessa-nos compreender como as transformações da prática cultural Literatura de Cordel se relacionam com as transformações no “regime de discursividade” e, por conseguinte, com as transformações das subjetividades, investigando as condições de emergência desses discursos e as condições sócio-históricas que os tornaram possíveis. A princípio, será feita uma breve discussão sobre o folheto de cordel em relação com a teoria das multimodalidades. No segundo momento é apresentada a autora do folheto bem como alguns elementos relativos à Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”, grupo do qual foi uma das principais articuladoras. Em seguida, são trazidos os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam a análise do folheto. O tópico seguinte traz a análise do referido folheto, seguido das considerações finais. Como o cordel é escrito em estrofes, no caso específico, setilhas (estrofes de sete versos), nas referências indicamos a página (p.) e a estrofe (e).

1 O CORDEL COMO POÉTICA MULTIMODAL

Nosso pensamento (Grangeiro, 2012, 2013), Santos (2009) e Lemaire (2010), grupo de pesquisadores (as) sobre a Literatura de Cordel e outras poéticas da oralidade e/ou multimodais, denominado “Movimento pela Diferença Nômade”, problematiza a forma etnocêntrica, escriptocêntrica e androcêntrica com que esta expressão cultural tem sido tradicionalmente abordada. Propomos parâmetros conceituais e analíticos distintos daqueles, tomando como base os trabalhos de Havelock (1995) e Zumthor (2007). Este último analisa a “movência” dos dizeres que partem da *performance* oral e a ela retorna, passando, por vezes, pelo manuscrito, depois pelo escrito e voltando novamente para a *poiesis* do corpo, prenhe de gestualidades, pantomimas e dicção específica. Nesse sentido, quando ampliamos os suportes literários para as poéticas orais/multimodais (visto que o cordel está no papel, no corpo, na internet e em diversos outros suportes) e/ou

marginalizadas, é possível ouvir “as vozes” das mulheres, segmento social e historicamente silenciado pelos cânones literários.

A grande quantidade de imagens que hoje aparecem nas diferentes práticas de escrita digital colocou a linguagem visual em evidência. Textos que apresentam duas ou mais modalidades semióticas em sua composição tomaram o lugar das tradicionais práticas da escrita, provocando efeitos nos formatos e nas características desses textos, resultando no que foi denominado de multimodalidades.

Nas palavras de Kress e van Leeuwen (2004, p.10), “gêneros orais combinam a língua e ação em um todo integrado, os gêneros escritos combinam a língua, a imagem, e as características gráficas em um todo integrado”. Os diversos gêneros discursivos produzem significados e estabelecem relações através dos textos ou discursos neles veiculados. Esses, por sua vez, materializam-se através da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Todo o arranjo visual existente no gênero, ou seja, a diagramação, cores, figuras, tipo de papel (no caso de texto escrito) ou até como as pessoas se comportam nos textos orais (gestos, entonação de voz, expressões faciais) Kress e van Leeuwen (1996, p. 183) chamam de multimodalidade. Esses elementos não são enfeites, são parte constitutiva dos significados. Multimodalidade, portanto, refere-se ao uso de mais de um modo de representação num gênero discursivo. Textos multimodais são, de acordo com os autores, aqueles que realizam seus significados por meio da utilização de mais do que um código semiótico.

Para Dionísio (2005, p. 161), “as ações sociais são fenômenos multimodais”. Assim como as ações sociais, os gêneros orais e escritos que as representam também são multimodais, na medida em que, “quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.”

É, pois, nessa perspectiva que consideramos o cordel, cuja *poiesis* não se encontra somente no escrito, mas em toda a corporalidade envolvida na performance: dicção, declamação, tom, gestualística, além da imagem xilográfica, pintura em madeira, utilizada na capa da maioria dos folhetos.

2 SALETE MARIA E A SOCIEDADE DOS CORDELISTAS MAUDITOS

Eu organizo o movimento

Eu oriento o carnaval

(Caetano Veloso)

O ano era 2000. Enquanto vários setores da sociedade brasileira inseriam-se por meio de duelos discursivos nas comemorações (ou não) dos 500 anos do Brasil, em Juazeiro do Norte, cidade localizada a 550 km de Fortaleza, na Região do Cariri cearense, um grupo-movimento de jovens poetas desfiaram um rosário de versos que provocaram transformações no que se pensava até então sobre Literatura de Cordel, numa espécie de deglutição antropofágica “patativoswaldeandradiana” anunciada, desse gênero discursivo/prática cultural. Publicados pelo Projeto “SESCordel: Novos talentos” e autointitulados “Sociedade dos Cordelistas Mauditos” (grafia original), lançaram-se com uma produção de 12 folhetos da série: “Agora são outros 500”, em cujas capas, podia-se ler um manifesto:

A nossa comunicação se dá através da poesia de cordel, traço da nossa identidade nordestina. Odiamos tecnicistas sem sentimentos literários. Somos contra o lugar comum da globalização que cria signos massificantes e uniformiza o comportamento estético. Nosso movimento pretende, sob uma ótica intertextual, utilizando vários códigos estéticos, redimensionar a literatura de cordel para um campo onde todas as linguagens sejam possíveis. Não somos nem erudito nem popular, somos linguagens. Entramos na obra porque ela está aberta e é plural. Somos poetas e guerreiros do amanhã. A poesia escreverá, enfim, a verdadeira história. Viva Patativa do Assaré e Oswald de Andrade. (FERRAZ, 2000, capa do folheto, sem paginação).

Além do manifesto, os folhetos apresentavam diferenças dos tradicionais tanto na forma como no conteúdo, mantendo, entretanto, o suporte “folheto”. Algumas capas traziam colagens, desenhos, fotos e alguns traziam, ainda, ilustrações nas folhas internas do cordel, além das tradicionais xilogravuras. Outros foram escritos até sem rima, considerada uma das características essenciais

do cordel. Quanto às temáticas, os “Mauditos” trouxeram novas discursividades no tocante a questões de gênero, racismo, homossexualidade, religiosidade, diferentemente semantizadas pelos cordéis tradicionais, como, por exemplo, “A história de Joca e Juarez”, de Santos e Silva (2001), que, muito antes de *O Segredo de Brokeback Mountain*, narra a história de um casal gay em Juazeiro do Norte à época do Padre Cícero. “Os dez mandamentos do bom cordelista” de Ferraz (2001), por exemplo, traz uma sátira mordaz às ideologias racistas, sexistas e homofóbicas, presentes em muitos dos folhetos tradicionais. As reações foram as mais diversas: desde “isso não é cordel”, “não se deve usar o santo nome do cordel em vão” até estratégias de silenciamento desses (as) poetas na história do próprio cordel, como, por exemplo, o livro “Acorda cordel na sala de aula”, pela editora Tupynanquim de Fortaleza. Na primeira edição do livro, há um capítulo sobre “O cordel no Ceará”, no entanto, não há nenhuma referência sobre o movimento dos Mauditos.

Na perspectiva, pois, de romper os silêncios, Salete Maria da Silva é uma dessas vozes que traz outras vozes: da mulher, do negro, do idoso, do gay, da transgênero. *“Habeas bocas companheiras!”*, *Mulheres fazem, O que é ser mulher?*, *Mulher-consciência – nem violência nem opressão*, *Mulher-Cariri Cariri-mulher*, *Embalando meninas em tempos de violência*, *Mulheres (invisíveis) de Juazeiro*, *Cidadania nome de mulher*, *Lesbecause*, *A beata beat Cult*, *do direito de ser gay*, *o grito dos (mau) entendidos*, são títulos que nos dão uma ideia das temáticas abordadas pela autora.

3 O SUJEITO NAS TEIAS DO INTERDISCURSO

*Eu sou trezentos
Sou trezentos e cinquenta
E os suspiros que dou
São violinos alheios
(Mário de Andrade)*

Embora tenha percorrido em toda a sua obra sobre a problemática dos poderes/saberes na sociedade, a preocupação central de Foucault não era propriamente com o poder. O objetivo central dos seus estudos foi, antes de tudo, produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura. Para Dreyfus e Rabinow (1995, p. 155), o projeto mesmo de Michel Foucault é, aliás, uma “história do condicionamento do indivíduo pelas instituições”.

Assim, sua abordagem em torno dessa questão está diretamente relacionada com a sua crítica ao que chamou de “analíticas da finitude”, quais sejam: a fenomenologia, o positivismo e o marxismo, as quais se propuseram a definir o homem por meio da análise de seu corpo, da história da produção ou das suas relações empíricas como responsáveis pelo que seria em sua “essência”.

Para Foucault (1999), as analíticas da finitude acabaram por cair num “sono antropológico”, ou seja, o sujeito é constituído, mas a filosofia até o século XIX quis apresentá-lo como constituinte, como um *cogito* de tipo cartesiano, um sujeito agenciador, senhor dos seus atos. Contrariamente, para Foucault, o sujeito foi sendo constituído por longos, árduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos. Assim, como seu propósito era construir uma história do presente, constrói uma arqueogenealogia do sujeito, analisando três modos de objetivação deste, a partir de certas práticas: a) práticas objetivadoras, as quais permitem pensar um sujeito normalizável como objeto da ciência; b) práticas discursivas que cumprem o papel de fundadoras epistêmicas e c) práticas subjetivadoras, por meio das quais o sujeito pode pensar-se enquanto tal, tais como a prática da confissão, da psicanálise etc.

O primeiro efeito da abordagem foucaultiana é, pois, o de desapossar o sujeito do papel central que lhe era atribuído na tradição cartesiana. O sujeito já não é mais um *je tout-puissant*, que assume os enunciados. São, inversamente, os enunciados que se impõem a ele em função das diferentes posições que ocupa. Os enunciados são, portanto, produtos de uma multiplicidade de lugares institucionais que coagem fortemente o seu dizer: “a unidade de uma formação discursiva não é a manifestação majestosamente desenvolva de um sujeito que pensa, que conhece e

que diz: é, ao contrário, um conjunto onde se pode determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo” (FOUCAULT, 2000, p. 74).

Para Foucault a noção de sujeito recobre não uma forma de subjetividade, mas um lugar, uma posição discursiva, constituída pelos dispositivos e técnicas de fabricação. Neste sentido, não pode enunciar tudo, todo tempo, em qualquer lugar. Ele é coagido por uma rede de determinações que cerceiam constantemente o seu dizer.

Nesse sentido ainda, para Foucault, o sujeito não existe *a priori*, nem na sua origem, nem na sua suposta essência imanentista. Não há, pois, nenhum tipo de essência identitária *per si*. A identidade do sujeito é uma construção histórica, temporal, datada e, como tal, fadada ao desaparecimento: “somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (FOUCAULT, 2000, p. 20-21). O sujeito é, portanto, disperso, descontínuo, é uma função neutra, vazia, podendo adquirir diversas posições, inclusive a de autor.

Desta forma, o sujeito se constitui numa teia ininterrupta de dizeres/saberes/poderes, ditos em outros lugares, em outros momentos, de outras formas. Assim, todo dito é um já dito em outro lugar, que atua de forma decisiva no processo de memória/esquecimento, responsável pela ativação de determinadas representações, culturalmente construídas, arquivadas numa memória discursiva, cultural, sócio-histórica e responsáveis pela produção e interpretação dos efeitos de sentidos produzidos nos diversos enunciados. Pêcheux (1999, p. 54) vai denominar este fenômeno de interdiscurso e defini-lo como:

Aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.), de que sua própria leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (Aspas do autor, grifos nossos).

Nesse sentido, Courtine, trabalhando sobre o conceito de interdiscurso de Pêcheux define a memória discursiva. Para Courtine (1999, p. 16):

A memória concerne à existência histórica do enunciado, no seio de práticas discursivas [...], capaz de dar origem a atos novos, no sentido de que toda a produção discursiva acontece numa conjuntura dada e coloca em movimento formulações anteriores já enunciadas.

É, pois, nessa teia de dizeres/saberes/poderes, que vamos encontrar Shirley Dayanna, nesses entremeios conflitantes que a (des) constituem como sujeito feminino.

4 SHIRLEY DAYANNA NA (DES)ORDEM DO DISCURSO

Não se nasce mulher, torna-se mulher
(Simone de Beauvoir)

O cordel *O milagre travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou* já nasceu intersemiótico. Foi encomendado por Orlando Pereira à poetisa para que fosse transformado em filme. O cineasta já havia produzido um documentário com temática semelhante: *Também sou teu povo*, mostrando a religiosidade das travestis e transexuais de Juazeiro do Norte. O que constitui o título é um diálogo interdiscursivo com a canção *Thriller* de Michel Jackson, um clássico da cultura pop dos anos 1980, cujo clipe famoso trazia zumbis que dançavam ao lado do cantor/intérprete/dançarino. *Thriller* é um gênero cinematográfico/literário que, numa tradução livre pode significar “mistério” ou “suspense”.

Assim, trazendo, pois, o mistério e o suspense para o cordel, o texto constrói a subjetividade da personagem, tecendo uma teia interdiscursiva na qual ela se vai sendo dita/mostrada. Essa construção subjetiva ocorre pelo corpo, pela música, pelos lugares por onde anda, entre outros aspectos, como a gestualística corporal, a roupa, o cabelo, trazendo, portanto, o corpo como suporte de ética, de estética e de política.

Shirley é construída/constitui-se, pois, como devota, como romeira, como sujeito religioso por meio da performance e dos gestos corporais. O romeiro é o poeta do gesto. Ela “sobe a Serra do Horto”, “entoa um louvor no meio da romeirada”, como os demais. No entanto, traz as marcas identitárias que a diferenciam da imagem tradicional dos romeiros apresentados na imprensa, nas fotografias, nos filmes, isto é, como pessoas idosas, sofridas e de roupas austeras. A Shirley Dayanna devota entoa, não somente o louvor, mas “a diva, orgulho da causa

gay” ouve também as músicas de forró eletrônico como *Baby pirei*: “Baby pirei... Pirei... Pirei.. Pirei/Baby com teus beijos pirei/Você não sai/Baby não sai do meu pensamento/Você não sai”, da banda Forró dos Plays (2015): “Subindo a Serra do Horto / Ao som do 'baby pirei' / Com seu olhar absorto / Curtindo seu happy day / Ao lado da comitiva / Desfila ela, a diva / Orgulho da causa gay (SILVA, 2014, p. 01, 1e).

A construção da subjetividade ocorre também pela roupa. O sujeito vai, portanto, movendo-se entre essas formas de ser/estar no mundo, com a sua vestimenta, seu cabelo, que a diferenciam da roupa preta tradicional dos romeiros: “De baby-look brilhosa / E mini-saia rendada / Com sua bota estilosa / E a cabeleira dourada / Beijando o seu amor / Ela entoa um louvor / No meio da romeirada” (SILVA, 2014, p. 01, 2e).

A saga começa, pois, com Shirley se sentindo *inadequada*. O sintagma *todo casal* é uma forma homogeneizante que denota um padrão de família *heteronormativo*. E Shirley, por se dizer/ver/constituir-se como mulher, busca, portanto, adequar-se a essa ordem do discurso familiar, desejando, portanto, cumprir o papel de mãe: “Shirley está preocupada / Com a vida conjugal / Se sentindo inadequada / Etecétera e coisa e tal / Tudo que ela queria: / Era aumentar a família, / Como faz todo casal (SILVA, 2014, p. 01, 6e).

A saga continua com ela falando diretamente com o Sujeito-Mor do Discurso religioso cristão: o Senhor Deus, personificado no texto pela presença da maiúscula no pronome pessoal “Eu”. Este sujeito lembra a Shirley que o desejo dela encontra-se fora da ordem do discurso por Ele instituído segundo a tradição cristã: “Você burlou a história / Pra me desmoralizar / Quem já viu um travesti / Pensar que pode parir / Para Eu abençoar?” (SILVA, 2014, p. 02, 4e).

O uso do Eu com letra maiúscula indica linguisticamente, também, a relação de poder assimétrica entre o sujeito da ordem temporal e o sujeito da ordem espiritual, o qual utiliza o artigo “o”, que indica o gênero masculino, em vez de “a” (travesti), artigo com o qual geralmente as travestis preferem ser designadas. Ao que a personagem contra-argumenta: “Ela argumentou então: / Eu também tenho direito! / Não fiz catecismo em vão! / Decorei todo o preceito! / Fui crismada,

batizada! / Hoje sou mulher casada! / Qual é mesmo o meu defeito?” (SILVA, 2014, p. 02, 3e).

Aqui é possível perceber um conflito entre a tradição da ordem do discurso religioso e a relação entre tradição/transgressão proposta por Shirley. Segundo Hobsbawm e Ranger (1983 apud HALL, 2014, p. 21, grifos nossos):

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas [...]. Tradição inventada significa um conjunto de práticas [...] de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico **adequado**.

A partir da segunda negativa, Shirley procura diversos setores portadores de saberes/poderes: o juiz, a parteira, o movimento LGBT, o movimento feminista. Em nenhum deles encontrou guarida aos seus desejos, vindo a encontrá-la no “livro das Beatas Moribundas”, as quais: “Eram cinco travestis / Que viviam no sertão / E viraram colibris / Depois duma maldição / Pois com o poder da mente / Foram mães precocemente / Hoje são assombração” (SILVA, 2014, p. 05, 4e).

Aqui ocorre uma união entre aspectos sagrados e profanos. Já que não encontra guarida ao seu desejo em nenhuma das instituições sociais, Shirley encontra, pois, uma memória, um antecedente do seu desejo no plano espiritual, no *thriller*, no fantástico, no “sobrenatural”.

Desta forma, há uma transgressão da tradição religiosa, visto que o momento da gravidez de Shirley assemelha-se ao momento da concepção de Maria, mãe de Jesus; porém, no lugar do Espírito Santo, quem obra o milagre são “as beatas moribundas / Que no século dezenove / Praticavam meia-nove / Dentro duma catatumba (SILVA, 2014, p.05, 3e. Grafia do folheto).

E o arcanjo Gabriel, que, de acordo com a tradição cristã, anunciou a santa gravidez de Maria, no folheto é ressignificado por meio do pastiche, da sátira, como: “[...] Um ente angelical / Chamado de Gabriel / Gerente dalgum motel / Messenger neonatal (SILVA, 2014, p. 02, 1e).

Ocorre, pois, o momento sagrado da concepção em Shirley: “Então meio delirante / Shirley de vela na mão / No quarto teve um rompante / Qual uma

alucinação / Entendeu que poderia / Conceber como Maria / Sob santa inspiração” (SILVA, 2014, p. 01, 8e).

Assim que engravida, Shirley se transmuta, transfigura-se: de sujeito fora da ordem do discurso familiar, social, jurídico, midiático e religioso, passa a fazer parte, principalmente, da ordem do discurso religioso, visto que atualizou o ápice da valorização nesse campo: a materialização do sagrado no temporal: o milagre:

A vovó Idelzuíte
Fofa, paba e orgulhosa
Curada da homofobite
Gritava cheia de prosa
Dizendo: é minha filha!
Eita bicha maravilha,
Santa, linda e corajosa! (SILVA, 2014, p. 07, 5e).

A notícia se espalhou
Como água na ladeira
Shirley mal engravidou
E o boato já na feira
Todo mundo interessado
No novo mito gerado
Nesta terra milagreira. (SILVA, 2014, p. 07, 1e).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do pastiche, do humor e do mistério (thriller), o discurso do folheto promove a trans mutação do sujeito Shirley Dayanna, a qual se constitui nos entremeios entre a tradição e a transgressão do discurso religioso. Em uma terra, Jua City, Juazeiro do Norte, ou mais precisamente, Juazeiro dos nortes, cujos mitos fundadores são fenômenos religiosos e cujos heróis são padres, santos e beatos (as), o folheto traz outras possibilidades de relação entre o sagrado e o temporal, a possibilidade de várias ordens do discurso dialogarem e conviverem, por obra e graça de Shirley Dayanna, a virgem Maria pós-moderna, a *antiGeni*, que, de sujeito posto pelas instituições fora da ordem dos mais diversos discursos sociais

(jurídico, familiar e religioso), passa a santa. Shirley, como heroína, “a diva”, orgulho da causa gay, constitui-se como a porta-voz de um grupo social no seu desejo por valorização, reconhecimento ou pelo menos respeito. Shirley transita tranquilamente entre as várias identidades que a constituem: travesti, mulher casada, religiosa, cidadã, radicalizando a ideia do sujeito como construção social, conforme a perspectiva teórica e filosófica dos movimentos feministas contemporâneos, além da proposta dos cordelistas mauditos de que “a poesia escreverá, enfim, a verdadeira história”: uma história, diferente da que vem sendo escrita; uma história onde todos os sujeitos possam plenamente viver suas identidades, seus desejos e suas vidas, sejam quem forem, como diz o *post scriptum* do folheto: “As fontes bibliográficas? / É simples, amigo meu... / São as histórias fantásticas / Que a vida me ofereceu / De bêbo, puta e doutor / Beato e embolador / Viado, índio e ateu” (SILVA, 2014, p. 10, 8e).



Referências

- COURTINE, J-J. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965–1985). Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, Porto Alegre, N. 6, p. 5-18, 1999.
- DIONISIO, A. P. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: BRITO, Karim Siebeneicher; GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mario (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayagangue, 2005.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FERRAZ, Hélio. *Os dez mandamentos do bom cordelista*. Juazeiro do Norte, 2001.
- FERRAZ, Hélio. *A farsa*. Agora são outros 500. Juazeiro do Norte, 2000.
- FORRÓ DOS PLAYS. *Baby Pirei*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/forro-dos-plays/1527153/>>. Acesso em: 04 set. 2015.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia dos saberes*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.
- GRANGEIRO, C.R.P. *Discurso político no folheto de cordel*. Rio de Janeiro: Annablume, 2013.
- GRANGEIRO, C.R.P. Considerações iniciais para uma nova teorização sobre o cordel. In: QUEROZ, André (Org.). *Arte e Pensamento: a reinvenção do Nordeste*. Vol. 2. SESC-AR. Fortaleza, 2012. p. 30-57.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

- HAVELOCK, E. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Editora Ática, 1995. p. 17-35.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.
- LEMAIRE, R. *Tradições que se refazem. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 35, p. 17-30, jan./jun. 2010.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. *Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas das vozes*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- SANTOS, Fanka; SILVA, Salete Maria da. *A história de Joca e Juarez*. Juazeiro do Norte, 2001.
- SILVA, Salete Maria da. *O milagre travesthriller: a história da travesti que (com fé) engravidou*. Gráfica Líderes. 3. ed. Juazeiro do Norte, 2014.
- VIANA, Arievaldo. *Acorda cordel na sala de aula*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.
- ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Para citar este artigo

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro; NASCIMENTO, Joseph Bezerra do. Virgem Maria pós-moderna: a “Travesthriller” Shirley Dayanna e o milagre da trans mutação do sujeito. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 3, p. 21-34, set-dez. 2016.

Os autores

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, com estágio no Centre d’Étude des Discours, Images, Texte s’Écrits, Communication, Sorbonne Nouvelle Paris XII. Professora do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri. Líder do DISCULTI – Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades.

Joseph Bezerra do Nascimento é estudante de Letras da Universidade Regional do Cariri e membro do DISCULTI - Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades. Pesquisa na área de Análise do Discurso, Mídias, Literatura de Cordel.